

O CERCO / 1970

um filme de ANTÓNIO DA CUNHA TELLES

Realização, Argumento, Montagem: António da Cunha Telles *Diálogos:* Gizela da Conceição, António da Cunha Telles, Carlos Rodrigues, Vasco Pulido Valente *Fotografia:* Acácio de Almeida *Som:* João Diogo *Música:* António Victorino d'Almeida *Intérprete canções:* Conjunto 1111 *Operador de imagem:* Leonel Éfe *Iluminação:* Óscar Cruz *Operador de som:* Gonsalves Preto *Misturas:* Hugo Ribeiro *Assistente de realização:* Virgílio Correia *Assistente de montagem, Anotação:* Gisela da Conceição *Interpretação:* Maria Cabral (Marta), Miguel Franco (Vitor Lopes), Rui de Carvalho (Dr. Alves), Mário Jacques (Carlos), David Hudson (Bob), Óscar Cruz (Rui), Lia Gama (dona da boutique), Zita Duarte (amiga de Marta), Manuela Maria (Suzette), Armando Cortez (Engenheiro Machado), Edith Sarah (Manicura), Luís Capinha (António Hélder), Osvaldo Medeiros (dono do stand), Rui de Matos (encenador), José Guerra e Silva (Chefe Rebelo), Mário Rocha (Martins), Ana Maria Lucas, Pedro Éfe.

Produção: Cinenovo Filmes (Portugal, 1970) *Produtor executivo:* Virgílio Correia *Cópia:* Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35 mm, preto e branco, 115 minutos *Estreia Mundial:* Maio de 1970, no Festival Internacional de Cinema de Cannes *Estreia comercial em Portugal:* 14 de Outubro de 1970, no cinema Estúdio *Primeira Exibição na Cinemateca:* 1980 ("Panorama do Cinema Português").

O CERCO é mostrado em sessão especial de homenagem a António da Cunha Telles (1935-2022). O texto distribuído nesta "folha" é o que tem acompanhado as projecções do filme na Cinemateca nos últimos anos.

Filme de estreia de António da Cunha Telles na realização, filme de Lisboa, crónica de um tempo, liberto para seguir o magnetismo da presença da sua protagonista – Maria Cabral, também ela estreando-se como atriz de cinema –, O CERCO é filmado seis anos depois de OS VERDES ANOS, com "sobras" de película 35 mm de MUDAR DE VIDA, a segunda longa-metragem de Paulo Rocha, de 1966. Cunha Telles firmara o seu lugar como produtor, ocupado acidentalmente, como tantas vezes afirmou. No currículo das Produções Cunha Telles, contavam-se então OS VERDES ANOS (Paulo Rocha, 1963), BELARMINO (Fernando Lopes, 1964), DOMINGO À TARDE (António de Macedo, 1965), MUDAR DE VIDA, e ainda CATEMBE (Faria de Almeida, 1964), O CRIME DE ALDEIA VELHA e O TRIGO E O JOIO (Manuel Guimarães, 1964/65), AS ILHAS ENCANTADAS (Carlos Villardebó, 1965); as curtas-metragens ALTA VELOCIDADE (Macedo, 1967 – do mesmo ano de 7 BALAS PARA SELMA, concluído como uma produção Imperial Filmes) e SEVER DO VOUGA UMA EXPERIÊNCIA (Rocha, 1971); a série de actualidades CINE ALMANAQUE (1967/68); as longas-metragens de Pierre Kast, VACANCES PORTUGAISES (rodado na Madeira e co-produzido por Cunha Telles com Clara d'Ovar), e François Truffaut, LA PEAU DOUCE (parcialmente rodado em Lisboa com Cunha Telles como produtor associado). O cinema, em Portugal, já era "Novo", as Produções Cunha Telles tinham acabado com algum estrondo em 1967, a ribalta do

cinema português voltara-se para a Gulbenkian e para o Centro Português de Cinema (que participará na produção do posterior MEUS AMIGOS). Assim contada, é uma história que este parágrafo muito abrevia, mas é então que chega O CERCO.

No *Jornal de Letras e Artes* (nº 275, de Abril de 1970), antecedendo a estreia do filme, Alberto Seixas Santos e António-Pedro Vasconcelos publicam uma “entrevista em 3 tempos [“O passado, o presente e o futuro”] a António da Cunha Telles” fazendo um ponto da situação: “António da Cunha Telles teve nas suas mãos durante os primeiros tempos [do Cinema Novo] os destinos do cinema responsável em Portugal. Ninguém adivinhava nessa altura que a falta de reais estruturas de produção, a escassez do mercado, a desconfiança do público e a inexistência de medidas de protecção eficazes viria a entravar o passo aos seus planos ambiciosos de produção contínua. Apanhado na engrenagem Cunha Telles resolve romper o cerco, realizando ele próprio um filme por sua conta e risco. O resultado é O CERCO, ‘apontamento’, como ele diz, sobre os horizontes estreitos da cidade”. É respondendo-lhes que, “cercado como produtor”, o realizador estreado confirma que a sua primeira longa-metragem é “no fundo, um testamento”.

Diz Cunha Telles: “Eu quando vou fazer O CERCO sinto que já não tenho nada a fazer. Sinto-me perfeitamente bloqueado numa cidade em que, sendo produtor, precisava necessariamente de trabalhar com realizadores; e como não podia fazer o cinema que me interessava – não tinha nem os meios nem a colaboração das pessoas, porque ninguém apostava em mim – encontrava-me sem saída. E então, olhando para a minha vida, lembrei-me que as minhas dificuldades financeiras, os meus problemas, me tinham levado a conhecer determinados meios da cidade, a conhecer um pouco melhor as pessoas, a ter também um certo olhar sobre Lisboa e a conhecer intimamente certos aspectos da cidade que poderiam ser interessantes. É assim que nasce O CERCO. Aquilo que se vê no filme não é um olhar aristocrata dum senhor que está a falar das pastelarias e dum certo *bas-fond*. Não, eu fui realmente obrigado a frequentar esse meio e quando por ele andei à procura por vezes de remédios para situações muito difíceis.” Tomando portanto forma num momento de assumido bloqueio de que o seu título é a mais transparente das imagens, O CERCO toma o pulso à realidade lisboeta da sua época dela devolvendo um retrato de mal-estar que a energia da protagonista tenta combater esbracejando para encontrar o seu lugar numa sociedade que lhe é hostil, regida por mecanismos de repressão perceptivelmente psicológicos, sociológicos, económicos, reveladores de um ambiente de opressão mais fundo e porventura mais difuso, o nível político de que explicitamente o filme não trata nem poderia tratar no Portugal dos anos finais do regime do Estado Novo e da censura.

A personagem cercada deste filme, um filme lisboeta no feminino, “colado” à muito forte presença de Maria Cabral, é Marta. A câmara quase não a larga e, pondo-a a procurar uma saída profissional como modelo publicitário para uma nova vida, depois da separação do marido e da consequente perda do emprego na TAP, o filme vai-se compondo também à volta da relação das câmaras com ela. A história da fotogenia de Maria Cabral começa no genérico, fotografado, na sucessão de grandes planos da actriz. A sua luminosidade, casada com a da cidade, é por inerência a de O CERCO. Seguindo uma linha narrativa, muito comandada pelos ditames do dinheiro e assombrada q.b. pelos meandros da publicidade (em que também podemos ver reflectidas experiências das Produções Cunha Telles, que a dada altura procurou montar uma estrutura de produção de filmes publicitários que envolvesse os cineastas do Cinema Novo e permitisse angariar fundos que financiassem os seus

filmes), é aos gestos de Maria Cabral que O CERCO dedica a sua atenção frequentemente desviando-se da “acção” para se fixar nela. Contrastando com o negrume do seu subtexto, com a violência a que a personagem está sujeita, há uma leveza no CERCO que vem daí, da energia impressa no filme pelo modo como olha Maria Cabral.

Pode ter sido a ela que o público foi sensível quando, no seguimento da estreia do filme em Cannes e da recepção que obteve na imprensa francesa, fez de O CERCO o grande êxito português dos anos 70, com sessões lotadas semanas a fio na sala do Estúdio garantindo-lhe simultaneamente o lugar, nesses anos, de um filme lucrativo. À distância, torna-se evidente que a atracção do filme vem do seu “primeiro trunfo” – a frescura do olhar sobre Maria Cabral – mantendo O CERCO, como o subsequente filme de Cunha Telles, MEUS AMIGOS, viria a confirmar como traço recorrente, uma importante *dimensão retratista* de que participa um não menosprezável lado documental. No caso, Lisboa, 1969, a partir da perspectiva burguesa da vida do casal ao início – que desde o primeiro plano sabemos ir mal, quando Marta lança o par de peixinhos de um copo de água para a banheira de casa e escreve como recado ao marido: “Temos dois amigos na banheira. São um casal feliz (...). Trate-os com cuidado.” As personagens deste filme, onde não há casais felizes, tratam-se de modo geral com pouco cuidado. A avó de Marta, de casa de quem vem o relógio de pêndulo que é o adereço afectivo da casa com vista para o rio onde a rapariga se instala, é a única a não gostar das sardas pintadas a rímel. Mas é “um gesto” dela, no início e também no fim do filme antes do fundido a negro, cuidadosamente entretida ao espelho a desenhá-las na cara. A personagem cercada da primeira longa-metragem de Cunha Telles é uma sobrevivente.

Maria João Madeira